

GOIÂNIA É UM MAPA: A CARTOGRAFIA E A POÉTICA DO ESPAÇO DO SETOR CENTRAL

Goiânia is a map: the cartography and the poetic space from Setor Central

Wellington Gabriel de Borba¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma interpretação para a figura formada pelo traçado das grandes avenidas do Setor Central de Goiânia – GO, o território do estado de Goiás em 1933. Objetiva com isso apontar as relações entre essa figura e o formato que o território estadual tinha naquele ano, bem como dizer se há registros oficiais de que este significado se trata da intenção do urbanista da cidade, Attílio Corrêa Lima, ou se trata de uma construção social a partir dos conceitos de poética do espaço e imaginário da cidade. Recorre à revisão bibliográfica e à comparação de bases de dados geográficos. Conclui que há semelhanças entre o traçado e o território goiano, apesar disso faltam documentos oficiais que comprovem que elas sejam algo intencional. Por outro lado, se reconhece que essa e outras interpretações existem a despeito do desejo de qualquer urbanista para Goiânia, pois a cidade também é uma criação social de seus moradores.

Palavras-chave: Imaginário da Cidade. Cidades Planejadas. Território de Goiás. Capitais do Cerrado.

ABSTRACT

This work presents an interpretation of the pattern formed by the layout of the major avenues in the Central Sector of Goiânia – GO, within the territory of the state of Goiás in 1933. Its objective is to elucidate the relationships between this pattern and the shape of the state's territory during that year, as well as to determine whether there are official records indicating that this significance reflects the intention of the city's urban planner, Attílio Corrêa Lima, or if it is a social construction stemming from the concepts of spatial poetics and the city's collective imagination. The study relies on a bibliographic review and comparison of geographic databases. It concludes that there are similarities between the layout and the geography of Goiás, but official documents verifying intentional design are lacking. On the other hand, it acknowledges that these and other interpretations exist despite the intentions of any urban planner for Goiânia, as the city is also a social creation of its inhabitants.

Keywords: Urban Imaginary. Planneds Cities. Territory from Goiás. Capital Cities from Cerrado.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e Professor da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. wellingtonborba@gmail.com
✉ Av. Esperança, s/n - Chácaras de Recreio Samambaia, Goiânia - GO, 74690-900.

INTRODUÇÃO

Goiânia foi fundada em 24 de outubro de 1933 para substituir a cidade de Goiás como a capital do estado. Planejada inicialmente para 50 mil habitantes, a nova cidade foi desenhada pelo arquiteto Attílio Corrêa Lima (1901 – 1943) para ser uma cidade monumental, a altura da capital de um estado, que ao mesmo tempo, queria se modernizar e se agigantar no cenário nacional. Para alcançar esses feitos, o arquiteto se inspirou em cidades da Europa e da América do Norte as quais foram planejadas para serem não só centros políticos, como também cidades monumentais.

Desta forma, Goiânia é uma cidade que o Setor Central, seu primeiro bairro planejado, se caracteriza por ter um grande espaço público aberto e onde se localizam importantes prédios públicos. Desse espaço se irradiam três das grandes avenidas do bairro, tendo uma quarta avenida cruzando a área em um arco de Leste a Oeste. A figura formada por essas avenidas é passível de diversas interpretações nas conversas informais dos moradores da cidade, sendo uma delas a de que tal figura se trata do mapa do território do estado de Goiás no ano em que Goiânia foi fundada.

As interpretações são tratadas popularmente como grandes enigmas que poucos são capazes de perceber ou decifrar. É um assunto que em muitas das situações se é comentado aos sussurros, como se fosse um segredo de Estado, mas que sempre provoca dúvidas se uma cidade em forma de mapa teria sido realmente a intenção de quem planejou Goiânia. Desta forma, este trabalho pretende através da linguagem cartográfica responder aos seguintes questionamentos: quais elementos são comuns entre o traçado das grandes avenidas do Setor Central e o mapa do território de Goiás em 1933? Há algum registro por parte do arquiteto que comprove

sua inspiração em desenhar uma cidade em forma de mapas ou essa interpretação se trata de uma criação dos moradores da capital?

A pesquisa foi realizada a partir revisão bibliográfica de artigos acadêmicos, dissertações e teses disponíveis nos meios eletrônicos e em livros sobre o tema. Também, a partir da observação de bases cartográficas e da produção de mapas que representem espacialmente as ideias que vão ser apontadas no decorrer do texto. Publicações na rede social Instagram servem como referência de imaginário da população goianiense. A discussão teórica se dá a partir da conceitualização de mapa (Harley, 2009, 1991), da poética do espaço e imaginário da cidade (Bachelard, 1993) e dos aspectos históricos e geográficos que levaram à construção do Setor Central (Chaul, 2010; Lima, 2021; Moraes e Palacin, 2008).

A PROBLEMÁTICA DOS MAPAS

Representar o espaço é uma necessidade que existe desde as sociedades mais antigas às mais recentes, seja como forma de conhecer o espaço, seja como forma de se comunicar a respeito dele, registrando eventos, apontado a localização de alimentos, perigos, locais sagrados etc. Em razão dessa necessidade humana, sociedades ao redor do mundo e no decorrer do tempo, desenvolveram diferentes perspectivas e técnicas para construir mapas, sendo os diferentes produtos reconhecidos como tais por uma característica comum a todos eles, a função de representar o espaço. Neste contexto, surgiu na Europa a Cartografia Sistemática, caracterizada pela geometria euclidiana, normas científicas e observação de certos critérios como a suposta neutralidade do cartógrafo. Embora as bases dessa cartografia contenham elementos importados de sociedades não europeias, para muitos só a Cartografia Sistemática é capaz de

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central

Wellington Gabriel de Borba

produzir mapas, desconsiderando assim as representações espaciais produzidas que usam outras perspectivas e técnicas e que são realizadas por povos de lugares e culturas fora da Europa (Harvey, 1991).

Parte dos defensores da Cartografia Sistêmica entende que os mapas devem ser neutros, com a finalidade de representar a realidade da forma mais fiel possível. Contudo, Harley (2009) exemplifica que os mapas sempre funcionaram como uma forma de controle e poder por parte daqueles que dominam as suas técnicas de produção e a ideologia ao redor dela. O que se coloca no centro ou na periferia da projeção, a escala desproporcional de certos objetos e locais, a forma como alguns desses objetos são representados, bem como a escolha pelo que se coloca ou o que se omite em cada representação, funcionaram e funcionam como forma de controlar o acesso à informação, difundir ideologias, invisibilizar opositores, dentre outros aspectos que atendem aos projetos de poder. Assim, o cartógrafo jamais deve ser visto como um ofício independente e neutro, pois ele é permeado pela cultura, pelo tempo histórico e trabalha conforme as técnicas, ideologias e desejos que lhes são exigidos. Neste sentido, é preciso pensar não só que os mapas atendem a diferentes usos, nem sempre explícitos e éticos, mas também que os produzir é algo que se realiza em diferentes perspectivas, formas e desejos a respeito da Cartografia.

Para Cazetta (2009), a Cartografia Sistêmica teve um grande impulso a partir do século XV, quando as nações europeias começaram a expansão marítima, o que aumentou o conhecimento espacial desses povos e demandou avanços na forma deles de produzir os mapas. No entanto, é no século XIX que essa cartografia assume contornos similares aos atuais. Há na Europa avanços científicos, matemáticos e filosóficos que alcançaram várias áreas do conhecimento, inclusive a produção de mapas, que passou a ser chamada então de cartografia,

a ciência do mapa. O resultado dessas mudanças é que a produção de mapas deixou de ser algo realizado por qualquer pessoa se tornando então cada vez mais algo dos cartógrafos, os profissionais dessa ciência, considerados nos discursos hegemônicos como os únicos detentores dos conhecimentos, técnicas e de uma suposta legitimidade para produzir mapas.

Como se vê, há uma falsa premissa de que apenas a Cartografia Sistêmica é capaz de produzir mapas, e que eles inexistem fora dela. Todavia, representar o espaço é algo que há muito tempo existe, pois se faz muito necessário, o que traz então outras correntes para além da Cartografia Sistêmica, tais como a Cartografia Social e a Cartografia Crítica.

Para Gomes (2017), dentro da Cartografia Social faz pouco sentido a aplicação rigorosa das convenções sistêmicas, pois seu objetivo é servir de instrumento de autorrepresentação, de defesa e de questionamento para grupos sociais fragilizados e excluídos. Desta forma, com essa cartografia se busca representar aqueles e aquilo que é omitido pelas convenções sistêmicas, produzir e distribuir conhecimentos negligenciados, bem como servir nas lutas desses grupos sociais. Acselrad e Viégas (2022) exemplificam como isso acontece. Proteção do patrimônio religioso, caso de uma comunidade indígena sul-americana que omite em seus mapas onde ficam seus locais sagrados. Também, a ruptura da forma euclidiana de representação do espaço, o que é observado em outro povo sul-americano, cujos mapas são organizados em espiral para representar também acontecimentos temporais. Por fim, outras formas de georreferenciamento para além do sistema cartesiano, como é o caso de uma comunidade da Ásia que usa um sistema de indexação que é conhecido apenas pelos praticantes da religião local. Desta forma, a respeito da Cartografia Social, cabe dizer que "É no

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central Wellington Gabriel de Borba

processo de reconhecimento das práticas sociais no território que emerge os diferentes usos, conflitos e reivindicações” (Gomes, 2017, p. 100).

A Cartografia Crítica é outra corrente que se faz comum entre artistas que buscam transformar em imagens os processos que são pouco visíveis na organização do território e nos conflitos internacionais. Para Carballo e Zamora (2017) os mapas são artefatos fundamentais em uma sociedade da imagem, como é a nossa, pois transmitem conhecimentos e ideias, além de serem obras de arte, inovação e sedução. Isto, no âmbito da Cartografia Crítica, se traduz na indisciplina de transmitir ideias indesejadas pela elite, na deriva espacial¹ enquanto metodologia de coleta dos dados, na participação social e na incorporação dos conhecimentos locais e de novas ferramentas e tecnologias. Sendo assim, artistas vem ganhando notoriedade por produzir mapas/obras de arte nos quais se nota contundentes críticas sociais. Como exemplo, os autores citam Philippe Rakecewz e a série de mapas que ele produziu para revista “Le Monde Diplomatique” entre 1988 e 2014.

Portanto, os mapas são produtos que cumprem a função de representar o espaço, havendo multiplicidade quanto as formas de realizá-la. O que é tratado por alguns como a única forma válida de produzir mapas, é na verdade somente mais uma dentre muitas possibilidades. É neste contexto que cabe conceber a representação espacial como algo que pode acontecer por meio de técnicas e intenções pouco convencionais, que vão além do papel e dos aplicativos, como se costuma fazer na Cartografia Sistemática, por exemplo. Neste sentido, pode se conceber como mapa o traçado das vias que constituem um bairro ou cidade, sendo nesta analogia onde

¹ A deriva espacial diz respeito a caminhar pelo espaço, conhecer despretensiosamente as pessoas, os objetos, as teias de relações firmadas ali.

se insere o Setor Central de Goiânia – GO com suas grandes avenidas. Pois é na livre perspectiva sobre esse bairro que parte dos habitantes da cidade veem um mapa, a saber se trata de uma intenção do arquiteto que projetou a cidade ou de uma criação dos moradores dela.

GOIÂNIA: A CIDADE MONUMENTAL

A urbanização do estado de Goiás começou no século XVIII, quando minas de ouro foram descobertas em seu território e os primeiros núcleos urbanos construídos nas proximidades delas. A homônima cidade de Goiás foi um dos núcleos urbanos pioneiros, sendo fundada em 1727 e tornando-se a capital goiana em 1748 (Chaul, 2010).

Durante a mineração, o estado de Goiás, na época tratado como capitânia, era afastado e isolado dos demais centros populacionais e econômicos do Brasil. As riquezas trazidas pela extração do ouro davam certa dinamização e avanços para o estado, mas duraram pouco mais de 50 anos, havendo uma estagnação social e econômica em Goiás após o esgotamento do ouro (Moraes; Palacin, 2008).

O isolamento e atraso goianos permaneceram por mais de um século. Vários núcleos urbanos, surgidos em razão da mineração de ouro, desapareceram, encolheram ou estagnaram. A economia de Goiás e o seu modo de vida predominante se voltaram para o campo e para a agropecuária de subsistência. Mudanças consistentes e definitivas só vieram a partir do século XX, primeiro com a inauguração da Estrada de Ferro Goiás, depois com a construção de Goiânia, iniciada em 24 de outubro de 1933 (Borges, 1990; Chaul, 2010).

Em relação à cidade de Goiás, as críticas contra ela começaram desde os seus primeiros anos como capital, que era considerada por seus questionadores como demasiadamente afastada, de difícil

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central

Wellington Gabriel de Borba

acesso, quente, insalubre e de péssimo relevo. Na virada do século XIX para o século XX, as críticas passaram a incluir também a elite política sediada na capital, cujos líderes eram chamados de coronéis e a classe social remetia a ricas famílias de fazendeiros. Os coronéis eram tratados por seus opositores como os culpados pelo atraso do estado de Goiás, mas em razão dos altos custos políticos e financeiros, a mudança da capital goiana para outra cidade jamais se concretizou antes de 1930 (Chaul, 2010; Moraes; Palacin, 2008).

Foram precisas mudanças nas conjunturas políticas nacionais para que as mudanças alcançassem também o estado de Goiás, o que só aconteceu a partir da década de 1930. Desta forma, foi necessária a chegada de Getúlio Dornelles Vargas à Presidência da República e o seu apoio nos estados às elites políticas opositoras aos coronéis. Em Goiás, Vargas escolheu para comandar o estado o grupo político liderado pelo médico Pedro Ludovico Teixeira. Uma vez no poder e sem a oposição dos coronéis, historicamente contrários à mudança da capital, Teixeira resgatou uma velha e recorrente ideia, mudar a capital de Goiás (Chaul, 2010; Moraes; Palacin, 2008).

Uma comissão foi organizada para a escolha do local da nova capital. Uma área ao Sul do estado, mais urbanizada, moderna e afastada dos coronéis, foi escolhida (Chaul, 2010). Evidentemente, nesta área buscou-se não só situar a nova capital da região onde Teixeira era politicamente mais forte, mas também sanar os problemas físico-naturais da cidade de Goiás. A nova área era próxima dos demais núcleos urbanos do estado, da estrada de ferro – a principal ligação de Goiás com o restante do Brasil, além de ser plana, amena e abundante em água, o que favorecia a produção de energia elétrica e o abastecimento de água potável da população local (Argenta; Fleuri; Almeida, 2018).

Goiânia foi escolhido como nome da nova capital de Goiás e foi fundada em 24 de outubro de 1933. O arquiteto ítalo-brasileiro Attilio Corrêa Lima (1901-1943) foi contratado no Rio de Janeiro – RJ para planejar os primeiros bairros da cidade, sendo o Setor Central o primeiro deles. O arquiteto se graduou em 1925 na Escola Nacional de Belas Artes, hoje uma unidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e concluiu em 1930 a pós-graduação no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, sob a orientação do arquiteto Henri Prost. De volta ao Brasil, antes de vir a Goiás, Attilio foi convidado para lecionar na ENBA a pedido do então diretor, Lúcio Costa, que décadas mais tarde projetaria Brasília – DF (Ackel, 2007).

Tendo em vista a sua formação e as tendências da época, Lima (2021) planejou uma cidade segundo o modernismo, escola caracterizada pelo planejamento dos usos e ocupações dos diferentes espaços da cidade, pela existência de vias largas e voltadas à circulação de veículos, pelas quadras e espaços públicos em formas geométricas, pelos bairros denominados setores e zoneados conforme o tipo de uso e ocupação do solo, pela existência de grandes jardins e bosques, uma vez que a vegetação nativa era considerada não só um ornamento, mas também um fator de qualidade de vida. Em relação às capitais, o modernismo ditava cidades monumentais, centralizando e construindo grandes prédios públicos e monumentos, que também precisavam ser visíveis de diferentes regiões da cidade para representar todo ideal de grandiosidade e poder que a capital queria transmitir (Mello, 2006).

Goiânia era vista pelos seus idealizadores como um rechaço ao estado de Goiás atrasado e velho, que era representado pela antiga capital, e uma promessa de modernidade e futuro para o povo. Lima (2021) sabia desses desejos e quis fazer, portanto, uma cidade monumental para representar tais ideais, sendo o Setor Central o

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central Wellington Gabriel de Borba

primeiro bairro planejado² da capital. Para conseguir tal feito, se inspirou nas cidades de Washington (Estados Unidos da América), Karlsruhe (Alemanha) e Versalhes (França), todas elas construídas para serem capitais ou residências de governantes, ou seja, cidades que deviam representar o ideal de poder e monumentalidade de um povo ou de um príncipe.

Mello (2006) explica que os traçados urbanos de Goiânia (Figura 1) e das cidades que lhe serviram como inspiração são caracterizados pela existência de uma grande área pública aberta e central, como um grande parque ou uma praça, de onde irradiam largas e retas avenidas, que permitem visualizar a distância os grandes palácios e monumentos construídos no interior dessa área central. As avenidas, geralmente três, irradiam dessas áreas centrais em eixos oblíquos formando uma figura similar a um pé de pato ou ganso (em francês: *pattê d'oiê*) e ao redor do qual a cidade deve se desenvolver.

No caso de Goiânia, a grande área centralizada é a Praça Cívica, onde fica o Palácio das Esmeraldas, a sede do Poder Executivo Estadual, e vários prédios públicos e imponentes. Já as três grandes vias, que formam o *pattê d'oiê*, são as avenidas Tocantins, Goiás e Araguaia, todas elas assinalando a monumentalidade pretendida para Goiânia. Segundo o próprio arquiteto (Lima, 2021), além de extensas, largas e retas, tais

² O bairro mais antigo de Goiânia atualmente é o Setor Campinas, que surgiu em 1810 como um povoado. Em 1907 ele foi elevado à vila e em 1910 à cidade. Devido ao grande crescimento de Goiânia, fundada em 1933, Campinas tornou-se bairro da nova capital em 1936 (Oliveira, Prado e Gondinho, 2017). Vale destacar que é neste bairro onde se encontra a casa mais antiga de Goiânia, inaugurada em 1925, na esquina da Rua Senador Moraes Filho com a Rua Sergipe (Macedo, 2023).

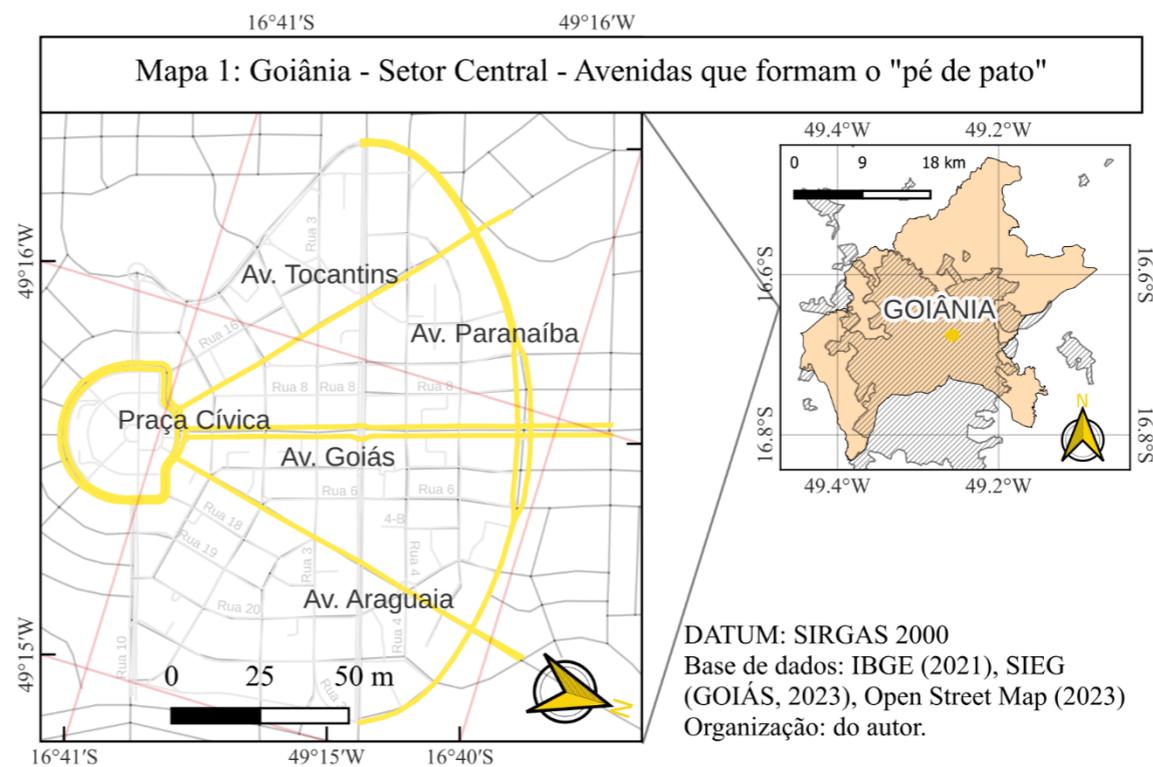


Figura 1 - Goiânia - Setor Central - Avenidas que formam o "pé de pato"
Fonte: W. G. de Borba, 2023.

avenidas foram planejadas para que seja possível ver de qualquer um de seus cruzamentos a Praça Cívica e os prédios e monumentos em seu interior.

Mello (2006) explica que a monumentalidade do urbanismo da cidade moderna trata-se de uma ideia surgida na cidade barroca, onde se inseriu pela primeira o palácio do príncipe no centro da cidade, convergindo para lá as principais vias no intuito de facilitar o deslocamento do exército, a vigilância e o próprio senso comum de poder e imponência do príncipe. A título de comparação, até a Idade Média, quando era a religião quem tinha mais importância, era a igreja o prédio mais alto, imponente e central da cidade. No caso de Goiânia, a Catedral Metropolitana ocupa uma quadra adjacente à praça, que é quem tem a centralidade.

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central
Wellington Gabriel de Borba



Figura 2 - Av. Araguaia vista a partir da Praça Cívica, Goiânia – GO. Data: 09 de janeiro de 2025
Fonte: W. G. de Borba, 2023.

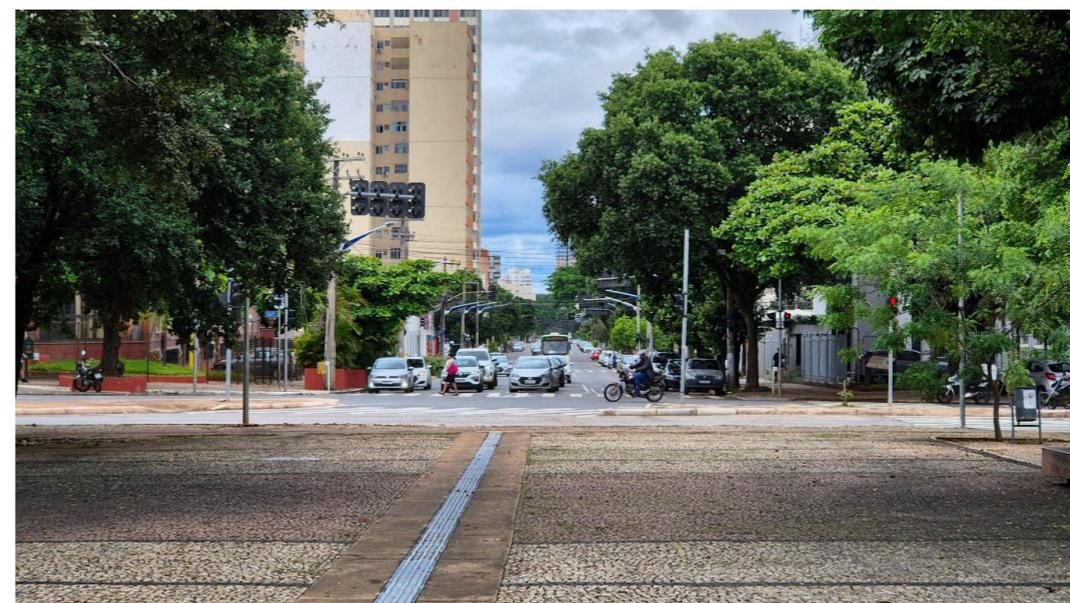


Figura 4 - Avenida Tocantins vista a partir da Praça Cívica – Goiânia – GO
Fonte: W. G. de Borba, 2023.

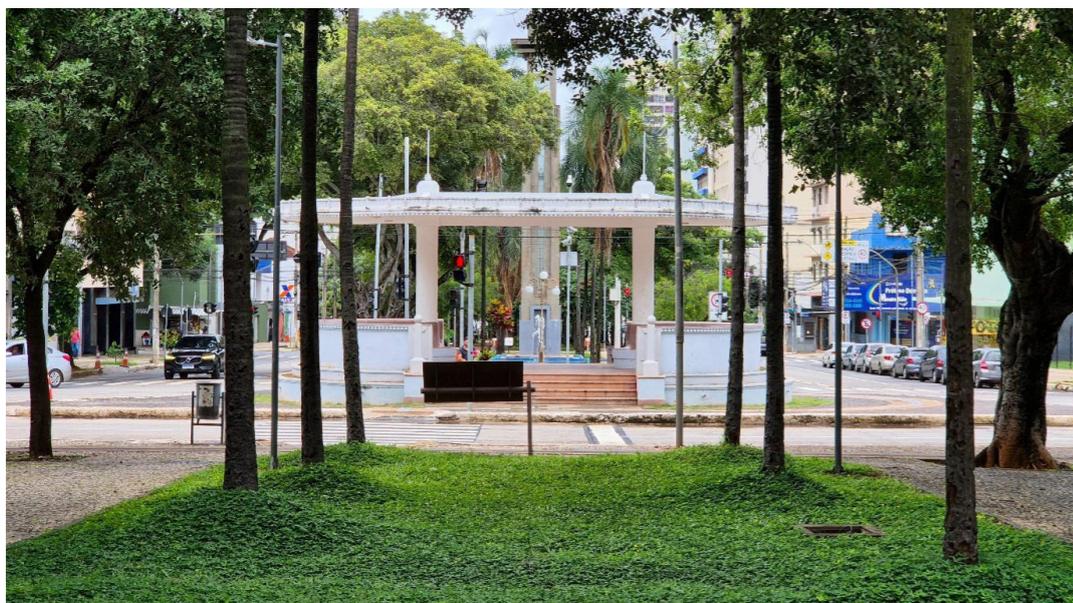


Figura 3 - Avenida Goiás vista a partir da Praça Cívica, Goiânia – GO. Data: 09 de janeiro de 2025
Fonte: W. G. de Borba, 2023.



Figura 5 - Interior da Praça Cívica visto ao se chegar a partir da Av. Tocantins. Goiânia – GO. Data: 09 de janeiro de 2025
Fonte: W. G. de Borba, 2023.

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central Wellington Gabriel de Borba

Entretanto, cabe salientar que uma parte incomensurável do que planejou Attílio C. Lima para Goiânia foi descaracterizada ou perdida antes mesmo da execução das obras. Havia atritos constantes entre ele e a construtora Coimbra Bueno & Cia. Ltda, responsável pelas obras da capital, o que culminou na demissão do arquiteto em 1935 e na contratação do engenheiro civil Armando de Godoy para assumir seu lugar (Pereira e Rezende, 2019).

O SETOR CENTRAL É UM MAPA DO ESTADO DE GOIÁS

Muitas interpretações são levantadas pelos moradores de Goiânia a respeito do significado dos traçados de suas grandes avenidas. Neste contexto, entende-se que as redes sociais são uma boa fonte para entender o que as pessoas pensam sobre o seu lugar. Por exemplo, na rede social Instagram, o perfil Goiás tem História (2025), [@goiastemhistoria](#), publicou no dia 03 de janeiro de 2025 uma montagem sobre o traçado de Goiânia (Figura 5). Na parte superior dela, uma fotografia de Michel de Medeiros, publicada pelo próprio autor em seu perfil [@drones_skyview](#), também no Instagram. Na parte inferior, uma fotografia da cidade Versalhes – França, cuja autoria é desconhecida.

Nos comentários da montagem, o perfil [@goiastemhistoria](#) (2025) escreveu³:

Plágio? Goiânia é uma cópia de Versalhes. Quando Attílio Correa Lima desenhou Goiânia em 1933, ele conhecia três cidades nas

³ Os comentários extraídos da rede social usam uma variedade da língua portuguesa que é considerada inadequada para norma padrão dela, mesmo que cumpra a função de transmitir a informação. Contudo, dada a formalidade de uso da norma padrão da língua, alguns desses comentários foram reescritos com essa finalidade. Desta forma, nenhum comentário será transcrito inalterado, com o uso do termo sic entre parênteses para sinalizar erro, o que considero ofensivo aos autores dos comentários.

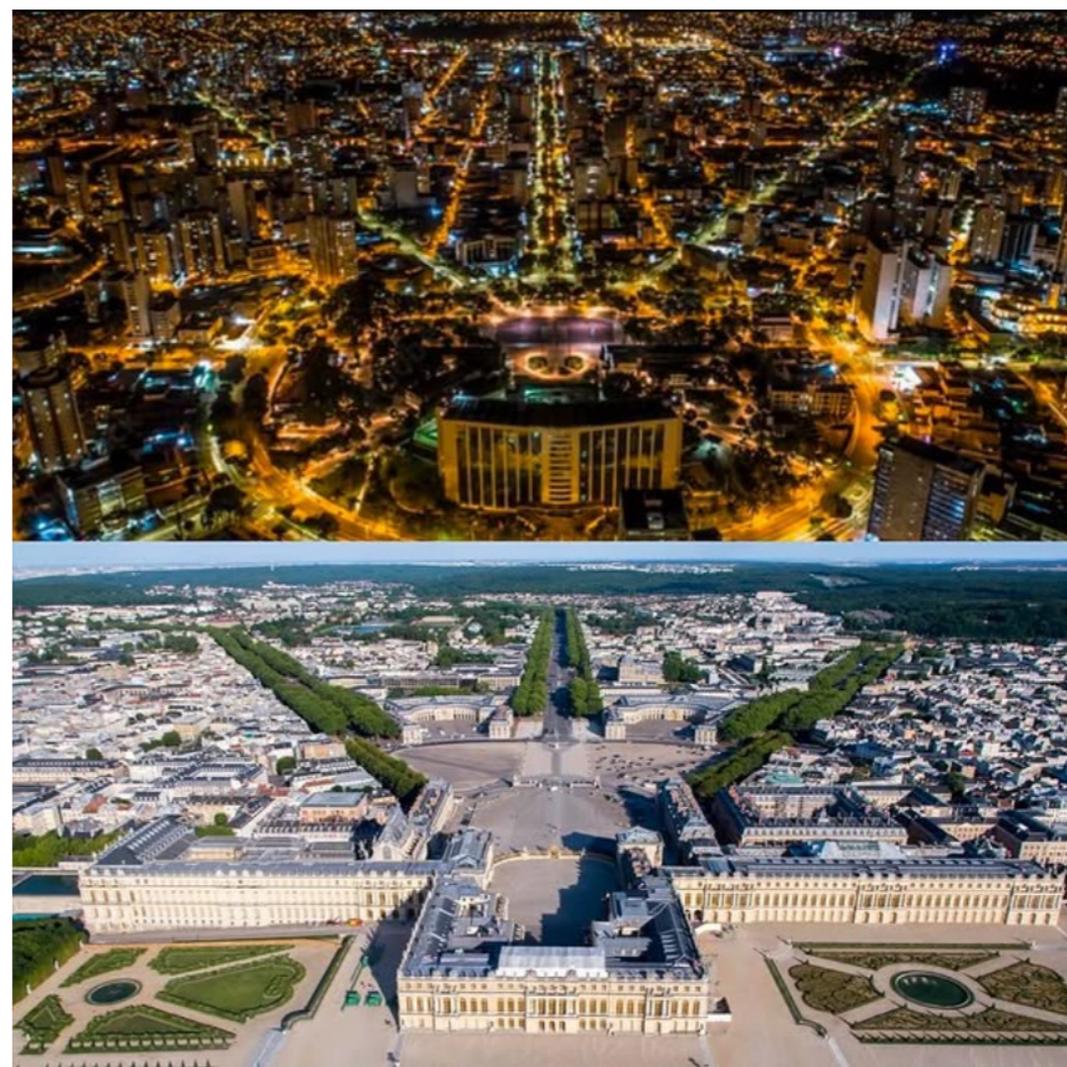


Figura 6: Montagem organizada pelo perfil [@goiastemhistoria](#) e publicada na rede social Instagram em 03 de janeiro de 2025
Fonte: Goiastemhistoria, 2025.

quais se inspirou: Karlsruhe, na Alemanha, Versalhes, na França, e Washington DC nos Estados Unidos. Esta foto é de Versalhes e pode ser comparada com a de Goiânia. (2025)

Entretanto, convém afirmar que os termos plágio e cópia são inconsistentes com a realidade, tendo em vista as circunstâncias narradas por Lima (2021) e referências como Mello (2006). Posto isto, é possível identificar em vários comentários da postagem o

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central
Wellington Gabriel de Borba

imaginário dos moradores de Goiânia sobre o traçado do centro da cidade.

Dentre os exemplos, o perfil [@dr.rafaelsoares](#) comentou: “A inspiração foi um esboço de Nsa. Sra. Aparecida”. Afirmação com a qual concordou o perfil [@leila_marina.le](#) que disse: “Essa é a história que conheço também. Nsa. Sra. Aparecida.” Já o perfil [@dramonbarros](#) comentou: “Isso é um esquadro e um compasso”, corroborando a ideia de alguns de que Goiânia faça analogia aos símbolos maçônicos. Por fim, o perfil [@yuedutra](#) disse: “Ouvir dizer que é um mapa de Goiás”.

Dentre os comentários, alguns são taxativos, quando afirmam que Goiânia é um símbolo maçônico, representado pelo esquadro e compasso, outros lançam dúvida, como os que reconhecem o traçado da cidade como o manto de Nossa Senhora Aparecida ou o mapa de Goiás, que é objeto deste texto. Tendo em vista isto, este tópico objetiva aprofundar o que se tem de consistente para dizer que Goiânia é um mapa de Goiás.

Quando a cidade de Goiânia foi fundada, na década de 1930, o estado de Goiás tinha um território com forma diferente da que tem atualmente. O seu território englobava o atual Distrito Federal, que tem 5.761 Km² e foi criado em 1960, e o estado do Tocantins, que tem 277.621 Km² e foi criado no final da década de 1980. Ao Sul do estado, delimitando o seu território estava o Rio Paranaíba. Ao Oeste o Rio Araguaia e ao Norte o Rio Tocantins. Entre os gigantes e, porque não dizer também, monumentais rios, estava o território de Goiás (Figura 7).

No traçado urbano do Setor Central de Goiânia, três grandes vias lembram esses rios por causa de seus nomes, percurso e disposição, são elas as avenidas Araguaia, Paranaíba e Tocantins com a área cinza, destacada na figura 8, equivalendo ao território goiano. A

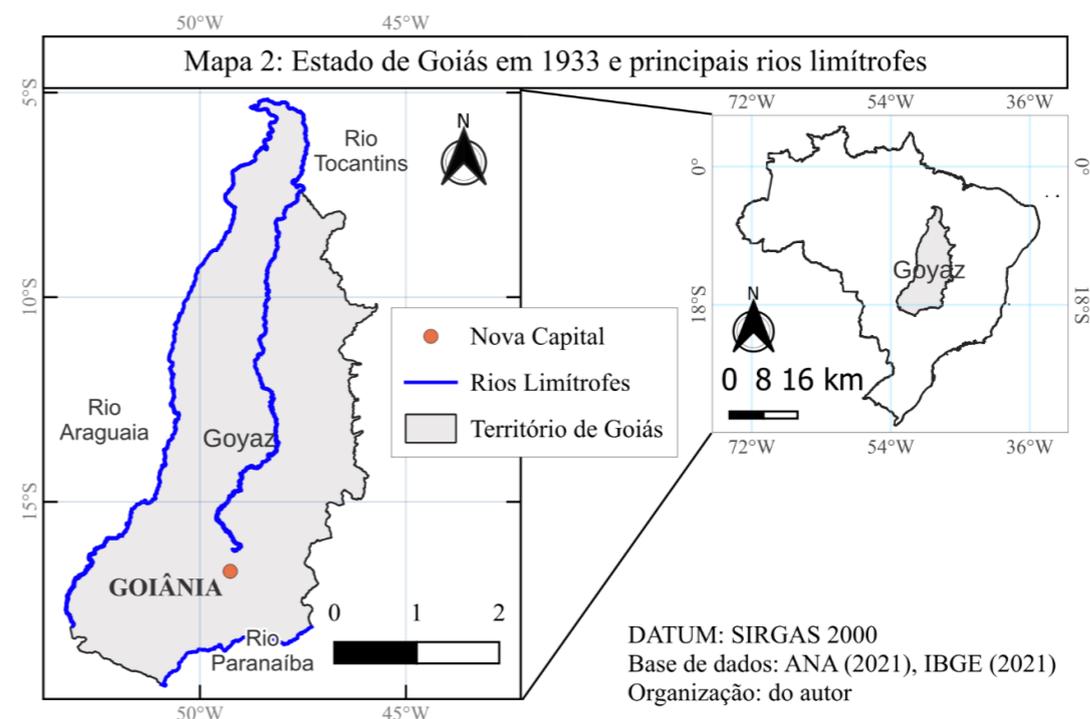


Figura 7 – Estado de Goiás em 1933 e principais rios limítrofes

Fonte: W. G. de Borba, 2023.

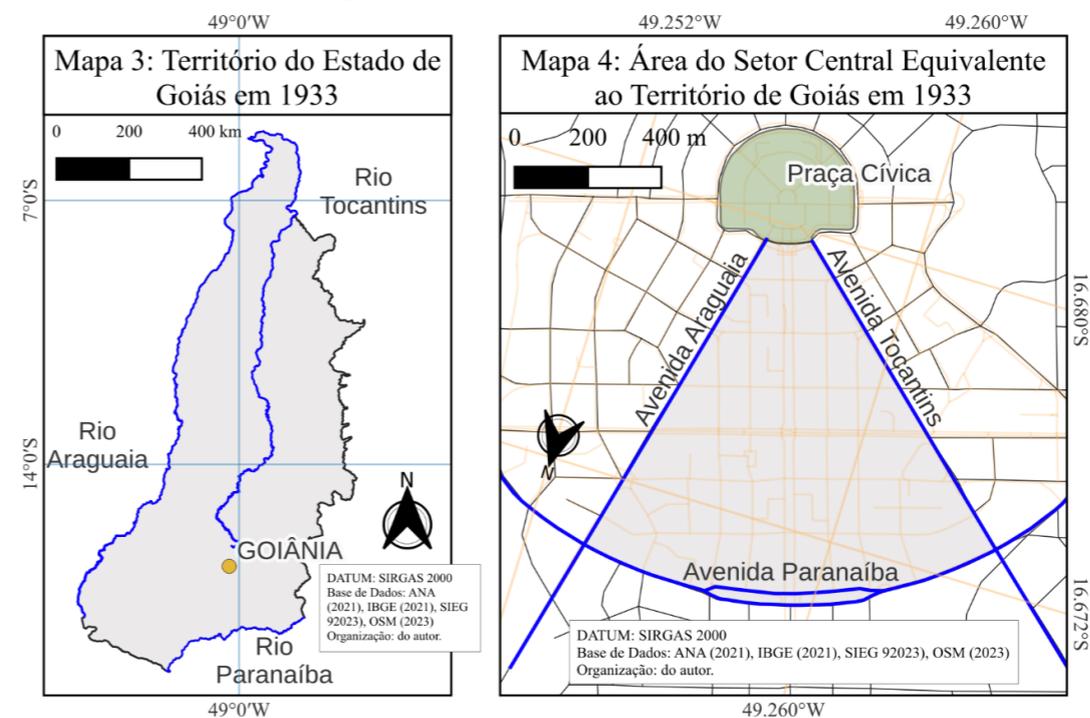


Figura 8 – Território do Estado de Goiás em 1933 / Área do Setor Central Equivalente ao Território de Goiás em 1933

Fonte: W. G. de Borba, 2023.

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central

Wellington Gabriel de Borba

diferença entre as avenidas e os rios está na direção em que as vias foram posicionadas no sítio urbano de Goiânia. Por exemplo, a Avenida Paranaíba se encontra ao Norte da cidade, enquanto o rio homônimo está no Sul do estado de Goiás. Essa diferença é intencional, pois Lima (2021) comenta a necessidade de aproveitar melhor o relevo da cidade, aproveitando áreas planas e evitando áreas desniveladas para conter a velocidade e os possíveis danos erosivos das águas pluviais. Mesmo assim, pode-se notar as semelhanças entre as avenidas e os rios de Goiás.

Lima (2021) demonstrou grande conhecimento a respeito dos problemas sociais e urbanos da cidade de Goiás, bem como a respeito das dimensões e dos aspectos físico-naturais do estado de Goiás, fazendo com que este precisasse de investimentos que dinamizassem sua economia e modo de vida. O arquiteto claramente conhecia a hidrografia e um exemplo disso é a sua preocupação com o Lago Jaó, que não aparece nos mapas. Para o arquiteto era necessário investir no local, preparando-o para o pouso recorrente de hidroaviões, pois este era o principal meio de transporte aéreo da época, em que faltavam pistas adequadas para o pouso de aviões convencionais, e porque o lago se encontra a menos de 300 Km de distância do Rio Paranaíba, onde muitos hidroaviões operavam interconectando as diferentes regiões do interior do Brasil.

Entretanto, pode ser sentida uma falta de registros confiáveis de que a hidrografia do estado de Goiás tenha realmente inspirado o arquiteto ao planejar Goiânia. Além da referida coletânea de Lima (2021), vale dizer que este trabalhou pesquisou Ackel (2007) para conhecer a biografia e aspectos das obras de Atílio Corrêa Lima. Também de Diniz (2007) para entender a dimensão do trabalho do arquiteto nos primeiros anos da construção de Goiânia. Em ambas as pesquisas não são encontrados elementos que conduzam à

conclusão de que o arquiteto estava explicitamente se inspirando nos rios de Goiás ao desenhar a sua capital estadual.

A POÉTICA DO ESPAÇO E O IMAGINÁRIO DA CIDADE NO SETOR CENTRAL DE GOIÂNIA

Atualmente, as pessoas criam muitas interpretações para dizer o que significa o traçado das avenidas principais do Setor Central de Goiânia⁴. Este trabalho trata uma delas, a de que a figura formada pelas avenidas Araguaia, Paranaíba e Tocantins representam os limites territoriais do estado de Goiás em 1933, quando essa cidade foi fundada.

Mello (2006) descreve as cidades são como amontoados de pedras e palavras porque elas são constituídas de objetos materiais e tangíveis, representados pelas pedras, mas também pelas pessoas e o que elas pensam e dizem sobre a cidade, o que é representado pelas palavras. Essas analogias conduzem a reflexão para uma fenomenologia do espaço, com a qual se busca compreender por que as pessoas que vivem na cidade criam para ela tais significados e interpretações, neste caso, a de que os traçados das avenidas do Setor Central formam o mapa do estado de Goiás em 1933.

Segundo Bachelard (1993), todo espaço tem duas dimensões, uma física, que diz respeito às questões objetivas, tangíveis e racionais do espaço, e outra psicológica, que envolve as questões subjetivas

⁴ Entre as interpretações, há pessoas que dizem que a região se trata de uma flecha apontada para o Norte, em direção à Amazônia, que seria o alvo da Marcha para o Oeste, projeto nacional de Getúlio Vargas e que tinha Goiânia como um de seus empreendimentos. Outra é a que as avenidas formam um compasso e um esquadro, símbolos da Maçonaria, da qual fazia parte alguns fundadores de Goiânia. Uma terceira, é de que essas mesmas avenidas, juntamente com a Praça Cívica, formam o manto de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil e de culto muito popular em Goiás quando Goiânia foi fundada, segundo Mello (2006).

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central

Wellington Gabriel de Borba

como as memórias, as sensações e os sentimentos. É da relação entre as dimensões física e psicológica que surge a poética do espaço, que tem sua base em tudo aquilo o que as pessoas criam a respeito do espaço.

A poética do espaço tem o imaginário da cidade como um de seus produtos. Da relação entre aspectos físicos e psicológicas do espaço urbano são criadas várias imagens que constituem então o que os moradores da cidade criam a respeito do espaço urbano. Bachelard (1993) reconhece que a cidade é espaço de encontro, conhecimento e trocas, o que conduz à construção coletiva de memórias, interpretações e significados. Assim vai se criando imagens e fantasias a respeito de acontecimentos, prédios, monumentos, espaços públicos, festas populares, dentre outras. Os entrelaçamentos dessas imagens e fantasias constituem o imaginário da cidade e está além do significado pensando **a priori** para os objetos e suas funções na cidade.

É por este motivo que nascem diferentes interpretações para o que significa o traçado das grandes avenidas do Setor Central de Goiânia, não importando então, se alguma delas representam uma intencionalidade de seu arquiteto. Lima (2021) em sua obra discute sobre as avenidas do Setor Central, dos traçados, das geometrias, dos usos e ocupações e do que ele queria, com muita objetividade, o que elas representassem dentro da cidade monumental que ele projetou. Entretanto, em nenhum trecho ele disse com clareza que os rios limítrofes e o território do estado de Goiás eram efetivamente sua inspiração ao fazer o traçado das avenidas, bem como nomeá-las.

Apesar disso, a poética do espaço e o imaginário da cidade, propostos por Bachelard (1993), tornam verossímil pensar que essa e outras interpretações, bem como as dúvidas que elas geram, sejam coisas novas, criadas pelas pessoas que habitam a cidade, se

relacionam e se identificam com ela, após a passagem do arquiteto e a despeito do que ele tenha criado para ela. Pois para Bachelard (1993), as pessoas são subjetivas, vivem na cidade sonhando, criando, fazendo trocas e se entrelaçando com outras pessoas. Desses encontros, em que os sonhos e as criações são trocados, vai construindo o imaginário da cidade, que por sua vez é livre das objetividades dos urbanistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representar o espaço é uma necessidade humana e por causa dela, diferentes sociedades ao redor do mundo desenvolveram ao longo da história seus próprios mapas, com perspectivas, materiais, objetivos, técnicas e afins peculiares a cada grupo. Então tal multiplicidade leva-se a uma conclusão de que é equivocado pensar que apenas os mapas produzidos segundo uma corrente da cartografia, hegemônica, seja capaz de produzir mapas que atendem às mais diferentes finalidades.

Exercitar esse raciocínio é necessário para reconhecer, primeiramente, que as pessoas criam representações do espaço e que o significado dessas se torna possível dentro do grupo social que detém os elementos necessários para decodificar tal representação. Os mapas são também convenções, cujas funções só se tornam conhecidas quando se está inserido no grupo social que as criou. O segundo aspecto que podemos considerar é que o processo criativo das pessoas leva a uma multiplicidade de materiais e formas de se construir as representações espaciais, por isso a cidade pode ser lida também como um mapa.

No caso de Goiânia, as grandes avenidas do Setor Central conduzem a ideia de que o traçado do bairro seja uma representação do território de Goiás em 1933, quando a cidade foi fundada. O

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central
Wellington Gabriel de Borba

traçado e o ordenamento das grandes avenidas, similar aos rios que limitavam o território do estado de Goiás, fundamentam essa compreensão, onde o concreto e o asfalto, a geometria das quadras e praças, dentre outros elementos urbanos, cumprem função similar às linhas, formas, texturas, polígonos e afins que estão contido em formas mais comuns de mapas.

Assim nasceu Goiânia, pensada desde o início com o que tinha de mais novo e para ser monumental, representado um ideal de futuro grandioso para o estado de Goiás, ressentido de sua pobreza e estagnação pós ciclo do ouro. Se não tudo, quase tudo foi pensado na nova capital para ser grande e impressionar, desde seu planejamento lógico e racional, passando pela geometria de suas quadras e espaços públicos, chegando então ao traçado e nomenclatura de suas largas, retilíneas ou harmoniosamente curvas avenidas.

O arquiteto de Goiânia, Atílio Corrêa Lima (2021) tratava-se de um dos mais jovens e proeminentes nomes do urbanismo brasileiro, bem como demonstrava ser um conhecedor da realidade e das características territoriais do estado de Goiás. É possível que este conhecimento o tenha inspirado na hora de projetar as grandes avenidas do Setor Central, com seus respectivos nomes, geometrias e ordenamento. Todavia, até onde essa pesquisa avançou, faltam elementos que atestem o claro desejo do arquiteto em relacionar as avenidas Araguaia, Paranaíba e Tocantins com os rios homônimos limítrofes de Goiás em 1933.

Por outro lado, ainda que representar o território de Goiás não tenha sido a intenção a priori do traçado de Atílio Corrêa Lima, a poética do espaço, bem como o imaginário da cidade (Bachelard, 1993), permitem compreender melhor porque, independentemente de haver comprovações, parte da população goianiense crê que o centro de Goiânia seja um mapa. Segundo esses pressupostos, tendo

a cidade como uma construção social e que desperta memórias, concretiza experiências e desencadeia sentimentos e sentidos nos seus habitantes, as trocas que pessoas diferentes fazem cotidianamente levam-nas a produzir significados para além dos objetivos ou implícitos que outros, como os urbanistas, pensaram para os espaços urbanos. É por isso que parte dos moradores de Goiânia, tem a crença de que sim, Goiânia é um mapa. 

REFERÊNCIAS

ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. **Atílio Correia Lima: uma trajetória para a modernidade**. 2007. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ARGENTA, J; FLEURÍ, Jerônimo Curado; ALMEIDA, Laudelino de. Relatório Apresentado ao Presidente da Comissão Responsável pela Escolha do Local Destinado à Edificação da Nova Capital de Goiás pela Subcomissão Técnica. In.: COELHO, Gustavo Neiva; VALA, Milena d'Ayala. **Goiânia: a história em documentos**. Goiânia: Editora Trilhas Urbana, 2018, p. 43-55.

ASCELRAD, Henri; VIÉGAS, Rodrigo Nuñez. Cartografía social en Brasil y en la América Latina: desafíos epistemológicos y metodológicos de mapeos contra-hegemónicos de los espacios y territorios. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, vol. 31, nº 1, p. 196-210, 2022.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORGES, Barsanufu. **O Despertar dos Dormentes**. Goiânia: UFG/CEGRAF, 1990.

Goiânia é um mapa: a cartografia e a poética do espaço do setor central
Wellington Gabriel de Borba

CARBALLO, Ángela García; ZAMORA, Elia Canosa. Cartografías críticas de la ciudad. **Treballs de la Societat de Geografia**, n. 84, p. 145-160, 2017.

CAZETTA, Valéria. Aproximações e distanciamento entre a linguagem cartográfica e outras linguagens. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, vol. XIV, n. 847, 2009.

CHAUL, Nars Fayad. **Caminhos de Goiás: da Construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. Ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

DINIZ, Anamaria. **Goiânia de Attilio Correia Lima (1932-1935): ideal estético e realidade política**. 2007. 239 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

Goiastemhistoria. **Plágio? Goiânia é uma cópia de Versailhes**. Instagram, 3 de janeiro.

GOMES, M. de F. V. B. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 97-113, 2017.

HARLEY, J. Brian. Mapas, saber e poder. **Confin**, v. 5, p. 2-24, 2009.

HARLEY, J. Brian. A nova história da cartografia. **O Correio da Unesco**, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.

LIMA, Atílio Corrêa. Goiânia, a Nova Capital de Goiás. **Revista Estética e Semiótica**. v. 11, n. 1, p. 37-51, 2021.

MACEDO, Julia. **Casa mais antiga de Goiânia foi construída por um alemão**. In: CURTA MAIS. Goiânia, 12 abr. 2023.

MELLO, Márcia Mertran. **Goiânia: cidade de pedras e palavras**. Goiânia: Editora UFG, 2006.

MORAES, M. A. S; PALACÍN, L. **História de Goiás**. Goiânia: Editora UCG/Editora Vieira, 2008.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PRADO, Cristina Maria Costa; GODINHO, Daniele Severino de Souza. O Bairro de Campinas em Goiânia: Reflexões Sobre Memória, História e Identidade. In.: **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: história e democracia**. Brasília, 24 a 28 de julho de 2017.

PEREIRA, Pedro Henrique Máximo; REZENDE, Mayara. Goiânia em Cinco Fragmentos: Metrópole Entre o Efeito Genérico e as Permanências. In.: **Anais XVIII ENAPUR**, Natal, 2019.

Submetido em agosto de 2023.

Revisado em dezembro de 2023.

Aceito em março de 2024.